

Revista **a** EVOLUÇÃO

Ano IV n. 43 Ago. 2023
ISSN 2675-2573



RECONHECER E VALORIZAR



Filial da
ABEC
BRASIL
Associação Brasileira de Editores Científicos



Platform &
workflow by
OJS / PKP



www.primeiraevolucao.com.br

Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano IV - nº 43 - Agosto de 2023

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Vilma Maria da Silva

Organização:

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Colunistas:

Ana Paula de Lima

Isaac dos Santos Pereira

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Daniele Marques dos Santos Barreto

Denise Teixeira Santos Menezes

Eliane Cristina Bulgan Borges

Girlene Nascimento da Silva Mantovani

Joseneide dos Santos Gomes

Lana Cristina Teixeira

Lidiane Oliveira Leopoldo da Silva

Luciana Rodrigues da Graça

Miriam Ferreira

Rita de Cássia Gonçalves Paccola

Sheyla Maria Silva Pimentel

Simone Moreira Garcia

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 4, n. 43 (ago. 2023). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2023. 128 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.43

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.43>

A

São Paulo | 2023

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Mirella Clerici Loayza
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira
Prof. Me. José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antônio Raimundo Pereira Medrado
Vilma Maria da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as)** e autores(as) independentes;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**

Produzida com utilização de softwares livres



Filiada à:



Platform &
workflow by
OJS / PKP

Google Acadêmico



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

05 APRESENTAÇÃO

Prof^ª. Antônio Raimundo Pereira Medrado

RECONHECER E VALORIZAR

06 **Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes**

07 CIDADÃO

Banda RAAF

08 Centro Educacional Unificado - CEU

J. Witon



CAPA: Imagem de «a href="https://pixabay.com/pt/users/ciganavida-5796054/">pixabay/»

ARTIGOS

1. ARTE E MÚSICA PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DAS CRIANÇAS DANIELE MARQUES DOS SANTOS BARRETO	11
2. A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DENISE TEIXEIRA SANTOS MENEZES	19
3. EDUCAÇÃO PARA O TRANSITO: A ESCOLA COMO PROMOTORA DA CIDADANIA ELIANE CRISTINA BULGAN BORGES	29
4. AS ARTES VISUAIS E SUAS INTERVENÇÕES NO COTIDIANO INFANTIL GIRLENE NASCIMENTO DA SILVA MANTOVAN	39
5. ENSINO-APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TEA E O USO DA TECNOLOGIA NESTE PROCESSO JOSENEIDE DOS SANTOS GOMES	49
6. A LUDOPEDAGOGIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O TRABALHO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL LANA CRISTINA TEIXEIRA	61
7. AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL LIDIANE OLIVEIRA LEOPOLDO DA SILVA	73
8. O PAPEL DA LITERATURA NO DESENVOLVIMENTO DO SENSO CRÍTICO DE ESTUDANTES DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL LUCIANA RODRIGUES DA GRAÇA	81
9. CONTRIBUIÇÃO DOS JOGOS NA ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA SURDA MIRIAM FERREIRA	95
10. EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA OS CAMINHOS E AVANÇOS CONTRA O RETROCESSO RITA DE CÁSSIA GONÇALVES PACCOLA	101
11. AS RELAÇÕES EXISTENTES NO AMBIENTE ESCOLAR: PARCERIA FAMÍLIA-ESCOLA SHEYLA MARIA SILVA PIMENTEL	109
12. POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL SIMONE MOREIRA GARCIA	119

Os povos indígenas e originários desempenham um papel vital na formação de nossas sociedades. Suas tradições ancestrais, profundo conhecimento da natureza e contribuições culturais enriquecem nossa identidade coletiva. Além de preservar saberes valiosos, eles oferecem insights cruciais para a medicina tradicional, agricultura sustentável e preservação de recursos naturais.

Reconhecer o passado de injustiças e desafios enfrentados por essas comunidades é um requisito essencial para construir uma base de respeito e justiça. Valorizar seus direitos à terra, línguas e práticas é uma demonstração de compromisso com a diversidade e a igualdade.

A educação desempenha um papel fundamental na promoção dessa valorização. Ela permite que as gerações presentes e futuras compreendam a riqueza cultural e os conhecimentos acumulados pelos povos indígenas. Ao incorporar esses ensinamentos nos currículos escolares, promovemos a conscientização e o respeito desde cedo, quebrando estereótipos e preconceitos que possam existir.

A educação também pode ser uma ferramenta para a revitalização das línguas indígenas e a promoção da preservação cultural. Ao fornecer recursos para escolas e programas educacionais que se concentram nas tradições e saberes locais, estamos garantindo que essas valiosas heranças não se percam no curso do tempo.

Em resumo, ao valorizar e reconhecer os povos indígenas e originários através da educação, estamos construindo uma base sólida para um futuro de entendimento, respeito mútuo e colaboração intercultural. Estamos investindo na construção de uma sociedade que celebra a diversidade e aprende com as experiências e sabedorias únicas dessas comunidades.



Antônio R. P. Medrado
Editor responsável

O PAPEL DA LITERATURA NO DESENVOLVIMENTO DO SENSO CRÍTICO DE ESTUDANTES DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

LUCIANA RODRIGUES DA GRAÇA

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compreender o papel da Literatura no desenvolvimento do senso crítico dos educandos do 6º ano do Ensino Fundamental, investigando se o ensino de Literatura valoriza mais o aprender repetitivo ou instigar os discentes a pensar. Para tal estudo foi feito um levantamento bibliográfico e pesquisa de campo descritiva com análise qualitativa com professores do 6º ano. Segundo os dados bibliográficos constatou-se a preocupação de muitos estudiosos com o ensino de literatura, no sentido de formar discentes competentes, aguçá-los para o desenvolvimento do senso crítico, assim obter êxito nas mais diversas situações comunicativas. A coleta de dados verificou-se que todos trabalham a Literatura apenas para ensinar aspectos linguísticos da gramática, sem uma abordagem prazerosa das obras literárias. Nos resultados confirmou-se uma divergência entre a metodologia que os docentes diziam praticar. Portanto, pretende-se com este estudo, fazer uma reflexão sobre o ensino de Literatura como prática de leitura prazerosa de obras literárias, em especial a infantojuvenis, no intuito de desenvolver nos discentes desde cedo o hábito de ler, aprofundando-se de tal forma que desenvolva o senso crítico, essencial em todas as circunstâncias da vida.

Palavras-chave: Ensino aprendizagem; Obras literárias; Criticidade; Situações comunicativas.

INTRODUÇÃO

Considerando o papel que a literatura exerce na formação da criticidade do ser humano dentro e fora das instituições escolares, pode-se ressaltar a dicotomia de algumas práticas de como é ensinada a literatura nas escolas, por um lado uma prática habitual de leituras funcionais, interpretações objetivas de textos literários e, do outro a leitura interativa de obras literárias envolvendo numa mesma sintonia as produções do emissor-autor ao receptor-leitor, estimulando neste, obtenções da diversidade de sensações emocionais e intelectuais, que habilitam o leitor ao desenvolvimento de competências comunicativas, gramaticais, sociolinguísticas, discursiva, estratégias comunicativas e o senso crítico.

Assim, percebe-se que a leitura de obras literárias é parte integrante na formação do ser humano crítico, dotado de habilidades comunicativas e socialmente humanizado, que através das produções literárias excepcionais e do imaginário do leitor possibilitam conhecer

tradições, culturas e valores de uma sociedade. Para isso, os textos literários pressupõem uma leitura crítica, necessidade que se faz presente diariamente na vida do cidadão, mas a escola sendo uma das instâncias responsáveis pela formação desses cidadãos nem sempre utiliza a leitura de obras literárias de maneira crítica e reflexiva.

Além disso, a forma como os docentes atuam quanto ao ensino de literatura é motivo constante de debates de estudiosos e de discussões de algumas instituições públicas com o intuito de questionar se de fato o ensino de literatura está sendo colocado em prática é desempenhado de forma satisfatória.

A pesquisa realizada pressupõe que os discentes possuem certo conhecimento de mundo e linguísticos necessários para fluir na leitura de obras literárias, em especial a literatura infantojuvenil, que exige uma maior reflexão, uma vez que nem tudo está explícito, necessitando uma maior concentração do leitor. Por isso, um bom planejamento dos docentes é necessário para que os estudantes sejam estimulados nas boas práticas da leitura de livros literários isso tornará os educandos cidadãos mais críticos podendo chegar à universidade com maior bagagem de vocabulário, leituras e experiências estéticas, essenciais na formação científica e social, assim, com a leitura de obras literárias pode se conquistar experiências comunicativas que talvez não se desenvolvam interagindo apenas com a sociedade.

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA PARA O DESENVOLVIMENTO DE LEITURAS COMPETENTES

A leitura pode ser conceituada como sendo uma ação ou resultado de quem lê. Para os PCNs (1998, pág. 54) formar leitor supõe que: é formar alguém que compreende o que lê: que possa aprender a ler também o que não está escrito; identificando elementos, que estabeleçam relações entre o texto que lê e outros textos já lidos, para isso, a leitura tem que estabelecer sentido para quem lê capacitando os leitores a inferir no texto, ativando experiências de leituras anteriores e adquiridas culturalmente no convívio com a sociedade. A leitura de obras literárias proporciona ao leitor voar, viajar, descobrir e se aventurar, assim sendo Cada um voa, viaja, descobre e se aventura com asas que são as suas, levando no voo a bagagem própria com que se pode ir mais longe e para ficar mais tempo, tirando maior proveito, conforme a disponibilidade interior (RESENDE, 2000, p. 16).

O ato de ler requer do leitor assíduo a vivência constante no mundo das diversificadas leituras, utilizando-as diariamente de maneira crítica. Para Resende (2000, p. 15) é necessário que os leitores façam os seguintes questionamentos: o que ler, onde ler, para quê, para quem, com quem, e ler o quê? . A leitura para que ela se realize competentemente é necessário que se conheça suas potencialidades. Segundo Silva apud Resende (2000, p. 16):

[...] leitura crítica é condição para a educação libertadora, é condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas. A explicação desse tipo de leitura, que está longe de ser mecânica (isto é, não geradora de novos significados), será feita através da caracterização do conjunto de exigências com o qual o leitor crítico se defronta, ou seja, CONSTATAR, COTEJAR e TRANSFORMAR.

De acordo com a citação, o ato de ler não só ressignifica o homem como é responsável por uma melhor qualidade do ensino, transformando o modo de pensar e agir dos leitores enquanto construtores de uma sociedade mais humanizante. Para que os docentes incentivem nos discentes práticas leitoras é imprescindível uma abordagem prazerosa e interativa das narrativas literárias, formando leitores críticos. Agindo assim promoverá a formação de uma consciência, que amadureceu para o gosto aprimorado e será dotado de um critério independente de escolha e de discernimento (Resende, 2000, p. 19).

Visto que o papel do educador segundo Kleiman (1989, p 26) pode ser não o de mediador entre autor e leitor, mas o de fornecedor de condições para que se estabeleça a interlocução os textos literários lidos pelos pais fazem parte do cotidiano de poucas crianças ou aquelas histórias inventadas pelos nossos avós que faziam parte do repertório diário antes de dormir que estimulavam a imaginação, a fantasia das crianças e jovens. Infelizmente não existem mais, foram perdendo espaço para a televisão, para o videogame e internet. Para Resende (2000, p. 18):

Ouvir histórias, sobretudo quando ainda não se lê a palavra de livros ou a partir deles, inventadas pelos adultos ou adaptadas, alimenta a fantasia infantil. As crianças guardarão no seu imaginário as melhores imagens, que serão símbolos em repouso na memória, para interagirem com experiências futuras.

Conforme a citação, as histórias ouvidas quando criança ficam guardadas na memória e, ao crescer podem ser utilizadas em outras leituras ou nas situações comunicativas, dessa forma compondo experiências individuais. Quanto mais os discentes praticarem a leitura, mais ampliarão o seu vocabulário linguístico, habilidades de conhecer variabilidades textuais, conhecimento das estruturas das palavras e a posicionar-se corretamente nas diversas situações. Essas habilidades aumentam quando se lê com frequência obras literárias, exigindo do leitor conhecimentos linguísticos e cognitivos. Brito (2003, pág. 27) afirma que a leitura é:

[...] um enfoque psicolinguístico em que a leitura é considerada uma forma de interação entre pensamentos e linguagem. Vai além do que uma visão mecanicista em que o aluno lê corretamente todas as palavras, obedecendo aos sinais de pontuação, de modo a efetuar adequadamente a correspondência entre grafia e som.

Deste modo, a leitura para que ela se realize plenamente é importante que o docente saiba os conhecimentos que os discentes possuem em relação à leitura que será introduzida, para que eles ativem informações já assimiladas como a estruturação do texto, fazer as devidas pontuações e entonações, fatos estes essenciais na fruição do texto.

Contudo, se o texto for lido simplesmente para realizar uma exigência do professor, principalmente quando esse texto for uma obra literária, conseqüentemente o discente não ativará todas as suas competências. Para isso, Brito (2003, p. 28) identifica a leitura como sendo “uma atividade essencialmente preditiva, de formulação de hipóteses, para a qual o leitor precisa utilizar seu conhecimento linguístico, conceitual, e sua experiência”.

O leitor ao ler determinada obra ele tanto constrói novos conhecimentos quanto ativa os já existentes, por isso, segundo Resende (2000, p. 20):

[...] a conversar sobre o que se ouve, se lê, se vê, se toca é importante, e o encantamento com o livro pode crescer, como também podem ser maiores as descobertas em torno de uma história, a partir do encontro de vozes que convergem para uma mesma obra, diferenciando-se opiniões, emoções, enfim, a leitura. Porém deve ser admissível o silêncio como resposta. Às vezes, um debate, por exemplo, esquentando ideia, suscita desafios, dando ao professor uma certa medida de envolvimento dos leitores com o que leram. Mas as reações variarão, e haverá indivíduos ou momentos que dispensarão explicações ou satisfações sobre o que foi lido. O ato da leitura, nesse caso, supõe uma relação estreita e solitária do leitor com a obra. A linguagem poética é muito especial na sua finalidade, em termos de fruição. Há solicitação da interioridade, que escuta, recolhe, tece emoções e imagens, às vezes vibram como corpo todo, e pode preferir permanecer silenciosa, tendo guardada para si as imagens que o texto despertou.

Diante do exposto, a interação, primeiramente, deve acontecer com o leitor e o texto literário, para depois ser realizado o debate dentro da sala de aula; alguns discentes até podem envolver-se na discussão, outros podem permanecer em silêncio, porém não significa que os mesmos não entenderam, preferiram guardar no interior as emoções que a obra proporcionou, de forma a ativá-las nas situações comunicativas.

LEITURAS LITERÁRIAS NA SALA DE AULA

No passado a literatura era privilégio de poucos assim como o acesso à escola era para aqueles com o poder aquisitivo considerável, pois através dos textos literários poucos aprendiam a ler e escrever, desde os contos até os cânones, essenciais também na formação de futuros políticos, já que era uma aliada no desenvolvimento da retórica que segundo Cosson (2010, p.56):

Com os textos literários, aprendiam a escrever desde as primeiras letras até emular o estilo de grandes autores... em outras palavras, a literatura na sala de aula era a matéria com a qual desconstruíam os elos que formavam uma corrente entre escola, língua e sociedade - a própria essência da formação humanista.

Dessa forma, a literatura não somente desempenhava o papel de alfabetizar os educandos como também aliava o estudo dos textos literários às possibilidades de dialogar com várias culturas de épocas diferentes, pois, desenvolve várias habilidades como: leitura e escrita, aguçamento da norma culta da língua e a manter uma relação de diálogo com outras culturas, como também uma excelente retórica, fato estes que acabavam diferenciando uma classe da outra.

Hoje a maioria das escolas no que diz respeito ao ensino de literatura estagnou-se da mais simples exposição de leitura às perguntas corriqueiras. A função do texto literário não é desempenhar o papel de localizar informações contidas no texto tais como: quais são os personagens e suas funções na obra? Qual o estilo literário predominante da obra? Assim, o estudo literário está restringindo-se a meras perguntas explícitas na obra. Mas, para que os discentes comecem a perceber a verdadeira função de ler obras literárias, o docente tem que propor debates, ajudando-o na compreensão e no clareamento do entendimento do texto que muitas vezes não é encontrado na leitura feita em silêncio ou em voz alta.

O ensino de literatura através de fragmentos de textos literários contidos nos livros didáticos têm apenas a finalidade de ensinar gramática e a linguística do que despertar o prazer dos discentes para a leitura das narrativas literárias. Segundo Cosson (2010, p. 57) esse ensino de literatura se resumiu [...] a uma dívida com o passado com o qual a escola não sabia bem como lidar e onde encaixar, mantido mais pela inércia do que pela necessidade de promover a formação literária dos educandos. Desse modo, a literatura em algumas escolas é utilizada apenas por obrigação, de forma a cumprir o currículo, mas, essa inaptidão com uso da literatura em sala de aula não é caracterizada de uma maneira geral já que existem inúmeros projetos de incentivos a leitura de obras literárias, como também inúmeros especialistas e pesquisadores que estudam, argumentam e defendem que a utilização das obras literárias é indispensável na formação do ser humano crítico.

Atualmente nas escolas, o governo federal envia remessas de livros literários infantojuvenis e clássicos readaptados, com linguagens de fácil entendimento destinado ao público em questão, no entanto, não são utilizados como deveriam, muitas vezes esses livros são empregados, por exemplo, para fazer leituras e interpretações objetivas, incutindo no aluno a leitura por obrigação, e outras vezes eles não são nem utilizados, da mesma forma que são entregues pelo Ministério da Educação são abertos apenas para serem colocados nas prateleiras, permanecendo intocáveis, fato que merece atenção, pois não são utilizados pelos alunos para não desorganizar nem amassar os livros, e os professores não os utilizam por estarem adaptados a seguir os conteúdos do livro didático não querendo se comprometer com algo que modifique sua rotina dentro da sala de aula. Com o tempo acabam virando comida de insetos, fato inadmissível para quem nos oferece o que há de melhor.

Nem sempre o educando gostará de ouvir e ler livros de literatura em sala de aula, porém, o educador deve incentivar a leitura literária. O discente não é obrigado a gostar, já que também faz parte do processo de aprendizagem à recusa de algo que não lhe agrada, isso mostra que ele está atento e é ativo, que não aceita o que lhe é ensinado passivamente, pois o professor não é apenas o único mediador do conhecimento, mas existe uma troca entre ambos. O texto literário desperta a curiosidade e o prazer de ler, fazendo com que reflitam e discutam sobre a obra, transformando a sala de aula em um verdadeiro ambiente de interação recíproca a todos os envolvidos.

A interação acontece também entre disciplinas, a chamada interdisciplinaridade, que é quando várias disciplinas interagem compondo um assunto, assim como as obras literárias que conseguem contextualizar vivências de temas de quando a obra foi escrita, que muitas vezes, esses temas vão além do contexto da época, podendo apresentar em uma mesma obra

referências de outras obras e autores, pois dentro de uma única obra pode abranger diferentes conhecimentos. Para Manguineau apud Cosson (2010, p.62) o contexto não é o que está em volta da obra, mas, sim, as referências de mundo que ela traz consigo, o que vem com o texto. Cosson (2010) em seu trabalho *O espaço da literatura na sala de aula* não só aponta o espaço do texto, do contexto das obras literárias como também o espaço do intertexto subdividindo em intertextualidade externa, aquela que o aluno faz referência com leituras lidas anteriores e a intertextualidade interna aquela que vem exposta através de citações de outras obras. São essas intertextualidades que muitos professores acham que o aluno não possui, ao contrário, os docentes poderão se surpreender.

Por exemplo, uma mãe que lia histórias infantis para sua filha, numa certa noite ao ler a história da Chapeuzinho Vermelho ela se surpreendeu quando a criança falou: o lobo mau que amedronta a chapeuzinho também amedronta na história dos três porquinhos. A criança mesmo com pouca vivência relacionou uma leitura que a mãe já havia lido com a leitura lida no momento, da mesma forma os alunos também são capazes de fazer essa intertextualidade, desde que as aulas de literatura sejam bem instruídas constituindo numa experiência formativa (LARROSA, 1998). Essa experiência formativa é importante na construção do conhecimento crítico tanto para discentes como para docentes.

Brandão & Rosa (2010) em *Leitura de textos literários na sala de aula: é conversando que a gente se entende...* sugere que a escolha do texto literário para serem lidos dentro da sala de aula deve ser de acordo com: (1) as afinidades estéticas do professor; (2) as preferências demonstradas pelas crianças; e (3) o conhecimento do acervo a que os estudantes têm acesso na escola (BRANDÃO & ROSA, 2010, p.74). Tudo o que foi mencionado é importantíssimo, mas não acontece se o docente não for um leitor de obras literárias, com isso, ele não conseguirá ministrar sequer uma boa aula de literatura.

Do texto literário quando introduzido em sala de aula surgem inúmeros diálogos criativos que segundo Bologna (2008, págs. 11-12)

[...] permitem que possamos falar para fazer, pensar para falar. Pensar e falar sobre o sentir, perceber, existir. Permitem que possamos estimular a integridade, própria e alheia, permitindo que estejamos e sejamos, juntos, sem obrigar-nos a ser iguais.

Assim, a literatura nos faz pensar criticamente, ela não sugere apenas um pensamento, uma resposta pré-determinada, ao contrário, para cada leitura lida surgem fatos que na leitura anterior não foram identificados, surgem também para cada leitor que leem interpretações, diálogos diferentes.

Sendo assim, a criança poderá desenvolver o prazer da leitura de obras literárias com a convivência com pessoas que gostam de ler, como por exemplo, na família ou na escola, quando elas não veem em casa a família lendo dificilmente não vão gostar de ler, então a escola surge como um espaço planejado de aprendizagem que deve ser construído para que os discentes sejam incentivados e despertados para o prazer de ler obras literárias, para que seja desenvolvido o senso crítico, uma vez que não dependerá somente do discente ou do docente, mas também do esforço de todos que fazem parte do processo ensino aprendizagem. Paulino (2005, p. 43) diz que: [...] habilidades exigidas na leitura literária são

habilidades cognitivas, além de serem habilidades de comunicação, no sentido de habilidades interacionais e também afetivas. Uma forma de ser trabalhada a literatura é introduzir na Proposta Política Pedagógica da escola, propostas e metas que priorizem a literatura em sala de aula, frisando a leitura consciente de boas obras literárias com temas diversificados, assim, o docente teria uma preocupação maior na hora de elaborar o plano de aula e não apenas utilizar a literatura de forma fragmentada, portanto, a escola deve trabalhar em conjunto visando uma educação de qualidade.

Muitos leitores têm uma visão distorcida do que é uma obra literária; acabam lendo e gostando de algumas pelo fato de apresentar um tom moralista bem acentuado; a obra não pode se restringir apenas a uma lição de moral, de como bem se portar na sociedade, ou seja, criando uma concepção de que, o que a sociedade prega é o correto e tudo que distancia dessa concepção de sociedade deve ser banido ou reprovado; assim, ao introduzir uma obra na sala de aula, a maioria dos docentes acham que a interpretação será a mesma que ele previa, como por exemplo, que o herói é o mocinho da história e o vilão é que termina se dando mal, mas, pode ser que o discente identifique no herói traços, atitudes e malícias que não deve ter em mocinho, e veja o vilão como um personagem que está diante dos percalços da vida, lutando pela sobrevivência.

Diferentes interpretações acontecem pelo fato de que as experiências são diferentes para cada indivíduo, uns possuem mais do que outros, ou seja, devido aos diferentes conhecimentos de mundo de cada leitor, pois nunca podemos estar certos do tipo de efeito moral que esse ou aquele livro irá exercer (VYGOTSKY, 2004, p. 325), quando surgirem absurdos de interpretações sobre o que foi lido, é o momento do professor intervir de forma a criar debates entre interpretações diferentes, induzindo o educando a criar possibilidade do autoquestionamento; o que o educador não deve fazer é colocar sua interpretação acima das outras, desviando o discente a pensar que é a única correta. Segundo Vygotsky (2004, p. 328) a um amortecimento sistemático do sentimento estético, sua substituição por um momento moral estranho à estética e daí a natural repugnância estética dos discentes.

Quando o docente é um leitor ativo de obras literárias ele saberá conduzir o discente de forma a perceber que uma obra literária nunca reflete a realidade em toda sua plenitude e verdade real, mas é um produto sumamente complexo da elaboração dos elementos da realidade (VYGOTSKY, 2004, p. 329). Uma obra pode retratar fatos acontecidos tempos atrás até fazer o leitor remeter ao tempo presente ou que convive ou o que presencia, mas nunca em sua totalidade, sendo assim, ela não possui valor estético, apenas retratos de fatos históricos, esquecendo de que a obra é formada como um todo de sentido estético e não emaranhados de histórias da realidade, assim Vygotsky (2004, págs. 332-333) coloca que:

[...] uma obra de arte não pode ser percebida apenas pelo organismo a contemplar, mas pela atividade interior que exige além do que o impulso básico, assim como na música e nas artes plásticas o principal é o que não se ouve, o que não se vê nem se apalpa.

É o que acontece com as obras literárias, o principal fica implícito, o que nos remete a vida real como uma pessoa melhor, mais consciente e questionador dos assuntos do nosso tempo e nosso meio.

A seleção dos textos e dos livros literários para adolescentes tem que fazer parte de uma rede temática de discussões que tenha significado na experiência de vida e na experiência educacional dos discentes, onde o levantamento pelos docentes da reflexão teórica esteja sempre formando cidadãos conscientemente críticos. Infelizmente o que se observa na maioria das escolas é que os hábitos de leitura de obras literárias estão distantes cada vez mais dos docentes e discentes. Segundo Souza (2003, p. 15):

Partir da hipótese (válida ainda, mas não a única) de que o aumento da produção e a ampliação da faixa de idade a ser atendida por livros catalogados como juvenis estariam diretamente ligados ao espaço deixado em aberto pela fragilidade do ensino de leitura e literatura nas nossas escolas, uma vez que a leitura de textos literários (como confirmam muitas pesquisas) não vem fazendo parte nem do lazer, nem da formação profissional dos professores em geral.

Assim, o ensino de literatura se encontra escasso pelo fato de alguns professores não possuírem hábitos de leituras literárias nem na sua formação e nem em suas leituras de divertimento; se eles não têm o hábito de leituras de obras literárias dificilmente serão bons incentivadores dessa prática.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

A presente pesquisa foi realizada em três escolas públicas da rede municipal, com três docentes do 6º ano do Ensino Fundamental. Todos os professores ministram aulas de Português e Literatura e responderam questões como: Você trabalha literatura em sala de aula? Como? Com que finalidade ensina a leitura de obras literárias? Quais obras literárias já trabalharam em sala de aula? E qual a importância de se trabalhar a literatura em sala de aula? E os discentes responderam aos seguintes questionamentos: Você sabe o que é literatura? Para que serve a leitura de obras literárias? Quais obras literárias já leram? Quem indicou a leitura de obras literárias? E como a professora trabalha a literatura em sala de aula?

A pesquisa objetiva compreender através da observação e aplicação de questionários aos docentes como se dá às práticas do ensino de literatura na construção do senso crítico dos alunos, assim como a aprendizagem dos mesmos diante dessas práticas. Abaixo as tabelas com as respostas e suas respectivas análises.

TABELA I - RESPOSTA DOS DOCENTES SOBRE SEU TRABALHO COM A LITERATURA EM SALA DE AULA E COMO O FAZ

DOCENTES	RESPOSTAS
D1	Sim, especificamente poema. Leitura, interpretação e construção coletiva e individual.
D2	Sim. A criança que lê desenvolve o senso crítico e melhora e escrita. Para tanto devemos inculcar em nossos alunos que a literatura é algo bom e prazerosa, explorando as obras literárias em sala de aula.

D3	Sim, mesmo no nível fundamental são trabalhados os paradidáticos que trazem algumas obras literárias.
----	---

FONTE: DADOS DO AUTOR

Analisando as respostas dos docentes todos dizem que trabalham a literatura em sala de aula, como por exemplo, a leitura, interpretação e construção coletiva e individual de poemas, explorando as obras literárias e trabalhos com paradidáticos. O que se percebe é que a literatura não é desenvolvida da forma como deveria nas aulas de Língua Portuguesa, os alunos são até convidados a ler algumas produções literárias ou os professores as apresentam em aulas expositivas, dessa forma o trabalho com a literatura ainda é muito restrito. O interessante é convidar os alunos a se debruçar sobre os textos literários, aprendendo a ler e a analisá-los.

Segundo os PCNs (2000, pág. 37 e 38) a especificidade do texto literário estabelece que:

[...] o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento [...] é um inusitado tipo de diálogo regido por jogos de aproximações e afastamentos, em que as invenções de linguagem, a expressão das subjetividades, o trânsito das sensações, os mecanismos ficcionais podem estar misturados a procedimentos racionalizastes, referências indiciais, citações do cotidiano do mundo dos homens [...] o texto literário não pode ser utilizado para o ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramáticas, das receitas desgastadas do prazer do texto. Posto de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.

De tal modo, o texto literário deve ser abordado de forma contextualizada despertando nos discentes o senso crítico e exigindo dos docentes um planejamento adequado de acordo com a obra que será apresentada em sala de aula. O seu trabalho é um reflexo da sua formação enquanto leitores, pois se o professor for um leitor assíduo de obras literárias e conhecedor da sua contribuição na formação de cidadãos críticos, conseqüentemente desenvolverá uma aula excelente, contagiando, incentivando e despertando a curiosidade de ampliar o universo literário dos alunos, mas se os professores não possuírem hábitos literários não desenvolverá uma aula prazerosa, repercutindo no alunado a falta de interesse e a mecanização de apenas ler por ler.

TABELA II - RESPOSTA DOS DOCENTES SOBRE A FINALIDADE COM QUE ENSINA A LEITURA DE OBRAS LITERÁRIAS

DOCENTES	RESPOSTAS
D1	Para o desenvolvimento da leitura e escrita, para o desenvolvimento das competências comunicativas e do senso crítico e para o desenvolvimento da interpretação objetiva de textos.
D2	Para o desenvolvimento da leitura e escrita, para o desenvolvimento das competências comunicativas e do senso crítico e para o desenvolvimento da interpretação objetiva de textos.
D3	Para o desenvolvimento da leitura e escrita.

FONTE: DADOS DO AUTOR

Os três docentes trabalham a literatura para o desenvolvimento da leitura e da escrita. Apenas D1 e D2 dizem contemplar de forma abrangente o ensino de literatura, pois além de desenvolverem a leitura, escrita e interpretação desenvolve a função primordial do ensino de obras literárias, o desenvolvimento do senso crítico.

Sabe-se que o senso crítico é considerado função primordial na formação do discente, que este deve ser contemplado no ensino de Literatura, porém, a Literatura não possui um espaço específico considerável assim como as outras disciplinas, ela vem anexada aos PCNs no ensino de Língua Portuguesa, assim, alguns docentes acabam concluindo que a Literatura não merece tanta consideração, e que o importante é o ensino regido por regras do que preparar os discentes a posicionar-se criticamente.

Logo, a leitura de obras literárias proporciona e possibilita o desenvolvimento da fantasia, da imaginação, de ler um texto e compreendê-lo na íntegra, melhora a escrita e a oralidade, aproveitando o conhecimento de mundo, prévios e linguísticos do educando e desenvolve o senso crítico do leitor aguçando seus sentidos na identificação da estética de uma obra literária. De acordo com os PCN's, (2000, p. 64 e 65) a leitura literária possibilita:

Ampliar a visão de mundo e inserir o leitor na cultura letrada; estimular o desejo de outras leituras; possibilitar a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação; permitir a compreensão do funcionamento comunicativo da escrita: escreve-se para ser lido; expandir o conhecimento a respeito da própria leitura; aproximar o leitor dos textos e os tornar familiar- condição para a leitura fluente e para a produção de textos; possibilitar produções orais, escritas e outras linguagens; informar como escrever e sugerir sobre o que escrever; ensinar a estudar; possibilitar ao leitor compreender a relação que existe entre a fala e a escrita [...].

Se a leitura de obras literárias fosse defendida e difundida por todos envolvidos no processo ensino aprendizagem o espaço de interação aconteceria e a efetiva competência comunicativa, estilística e o desenvolvimento do senso crítico sucederam com naturalidade.

TABELA III - RESPOSTA DOS DOCENTES SOBRE QUAIS OBRAS LITERÁRIAS JÁ TRABALHARAM EM SALA DE AULA

DOCENTES	RESPOSTAS
D1	Diversos poemas: Canção do exílio e outras que falam do amor a sua terra, Saudades, Ataliba o Vaqueiro.
D2	Fábula, conto, poesia, romance etc.
D3	Romances, contos, comédias, crônicas dos paradidáticos.

FONTE: DADOS DO AUTOR

As obras literárias são livros compostos de histórias, fictícias ou não. Elas podem vir no formato de poesia e outros tipos de escritas: romances, contos, artigos, ensaios, relatos jornalísticos, peças de teatro, histórias infantis e afins. Os docentes dizem trabalhar várias formas em que as obras literárias se encaixam. Porém, percebeu-se através da observação, que os docentes não trabalham os textos literários no intuito de construir nos alunos o senso crítico, eles os utilizam para determinado fim, como por exemplo, a D1 trabalha o poema Canção do exílio para preparar os discentes para as Olimpíadas de Língua Portuguesa. Os docentes D2 e D3 não especificaram que obras literárias já trabalharam em sala de aula, fato este que até ao término da pesquisa o D2 e D3 não utilizaram os textos literários em sala de aula.

O texto literário em hipótese alguma não pode ser utilizado fora do contexto que o aluno está inserido, nem ser introduzido pelos docentes como pretexto de passar tempo, nem ser trabalhado no sentido de cobrar resumos, interpretações de textos, ou a utilização de trechos da obra na prova, com isso, o principal objetivo será a obtenção de nota, resultando no desconhecimento do verdadeiro papel que a literatura exerce, o desenvolvimento do senso crítico. Que Rangel (2005, p. 35) diz:

[...] a forma com que a leitura é trabalhada, na escola ou mesmo fora dela, pode ou não favorecer a aquisição, a transformação e a produção do conhecimento não alienante, desencadeador do processo de participação crítica nas diferentes situações vividas pelo leitor. A leitura, então, envolve também um componente fundamental que é o movimento de conscientização e questionamento da realidade.

De acordo com Rangel (2005), o processo de assimilação da leitura competente depende de como o indivíduo é instruído. Na escola, para que a leitura literária seja apreendida é necessário que o docente tenha um bom planejamento das suas atividades realizadas dentro da sala de aula fazendo com que os discentes sejam cidadãos criticamente cientes do seu papel na construção de uma sociedade que luta pelos ideais coletivos.

TABELA IV - OPINIÃO DOS DOCENTES SOBRE A IMPORTÂNCIA DE SE TRABALHAR A LITERATURA EM SALA DE AULA

DOCENTES	RESPOSTAS
D1	Conhecer obras; desenvolvimento cognitivo e linguístico.
D2	O convívio com os livros extrapola o desenvolvimento sistemático do aluno na sua escolarização e a literatura passa a ser difundida com mais intencionalidade.
D3	Aproximar os alunos com a leitura, desenvolver a escrita, a interpretação pois proporciona um conhecimento mais profundo.

FONTE: DADOS DO AUTOR

A literatura reflete e ao mesmo tempo influencia uma sociedade, construindo novas maneiras de pensar e de agir, fazendo com que uma pessoa assuma um novo papel. Essa reflexão vai muito além do seu papel na sociedade, é uma reflexão do que é ser humano e de si mesmo: medos, sonhos, sentimentos e motivações.

Na literatura, nem sempre a leitura será agradável e prazerosa, há leituras desagradáveis e enfadonhas, mas mesmo nessas leituras, devemos reconhecer sua capacidade de despertar um raciocínio crítico. Ou seja, não podemos ler literatura somente porque é bom, mas principalmente porque é importante.

O que se percebe nas respostas dos docentes é que o ensino da literatura em ainda é muito restrito, pois utilizam a literatura para ensinar leitura, escrita, interpretação de textos, conhecimentos de obras, desenvolver o cognitivo, que é apenas a aquisição de conhecimento, isso não quer dizer que o aluno tenha a capacidade de questionar e analisar o mundo a sua volta, ou seja, o senso crítico. Para Zilberman (2009, p. 35):

[...] o recurso à literatura pode desencadear com eficiência um novo pacto entre os estudantes e o texto, assim como entre o aluno e o professor. No primeiro caso, trata-se de estimular uma vivência singular com a obra, visando ao enriquecimento pessoal do leitor, sem finalidades precípua ou cobranças ulteriores. Já que a literatura é necessariamente uma descoberta de mundo, procedida segundo a imaginação e a experiência individual, cumpre deixar que este processo se viabilize na sua plenitude[...]

Do mesmo modo, a literatura deve estabelecer uma vivência significativa entre alunos/ professores/texto não devendo ser trabalhada pelo docente com abordagem de estilos, contexto histórico e cobranças, limitando o discente a uma interpretação equivocada do papel que a literatura exerce na formação do leitor. A Literatura [...] colabora para o desenvolvimento de uma cultura de pensar, prepara os alunos para a resolução de problemas, para a tomada de decisões, e os predispõem a manterem-se para uma aprendizagem (FILIPOUSKI, 2006, p. 227).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do cidadão consciente e crítico têm que ser desenvolvido desde os primeiros anos de vida, através de rotinas que promovam o desenvolvimento cognitivo e o senso crítico, esses hábitos podem ser desenvolvido na família, nas instituições escolares, nas áreas de lazer, ou seja, em todos os ambientes desde que a criança se sinta acolhida e harmonizada, para que sejam efetivadas práticas prazerosas de leitura de obras literárias em especial as infantojuvenis, assim contribuindo na formação de crianças e adolescentes que serão futuros adultos críticos.

As práticas quanto ao ensino de Literatura devem desencadear nos discentes a leitura de obras literárias por prazer, de forma que possam competentemente utilizar-se dela na construção do conhecimento crítico, pois só aprende a ler lendo.

Nas escolas, o ensino deve ser instruído pelos docentes no intuito de formar discentes para que saibam se sobressair em situações problemas, para isso a literatura como sendo disciplina curricular deve ser ensinada e respaldada em obras literárias, uma vez que a Literatura deve ser desmistificada de análises de trechos de obras, de regras gramaticais e apenas leituras como forma de passar tempo. É importante que os educadores introduzam obras levando em consideração as experiências que o alunado possui, buscando resgatar o gosto pela leitura de textos literários.

Nota-se também que a Literatura infantojuvenil faz parte da aprendizagem desde muito tempo através de histórias e atualmente de livros, mas foi se modificando de acordo com as exigências do mercado editorial seguindo uma ideologia geralmente de quem as contrata ou da própria sociedade. As produções de autores de obras literárias extraem da vida real dilemas sociais, econômicos e políticos, transpondo-as para a Literatura de forma amenizada, colocando o valor estético e estimulando no leitor sensações e atitudes mais humanizadas.

A leitura de obras literárias faz com que o indivíduo desenvolve muitas habilidades dentre delas o senso crítico que é a capacidade que o leitor tem de sobressair e se posicionar nas mais variadas situações comunicativas, para que isso aconteça os discentes devem ser estimulados através de práticas comprometidas com a leitura de obras literárias, passando o indivíduo a ler por prazer.

Constatou-se que o estudo da Literatura baseado em obras literárias assume muitos saberes, como linguísticos, literários e sociais levando o discente a desenvolver o senso crítico, para que o mesmo possa ter uma visão mais aprofundada do mundo e de como posicionar-se criticamente diante de situações-problemas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOLOGNA, José Ernesto. Prefácio. In: DE MAIS, Domenico; FREI BETO. **Diálogos criativos**: Domenico De Masi & Frei Beto; mediação e comentários: José Ernesto Bologna. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- BRANDÃO. Ana Carolina Perrusi. (org). **A leitura de textos literários na sala de aula**: é conversando que a gente se entende / Ester Calland de Souza Rosa. V. 20. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2010.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação. Brasília. MEC, 1998.
- _____. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília. MEC/ SEF, 2000- 2002.

BRITO, Eliane Vianna. **PCNs de língua portuguesa: a prática em sala de aula**/ Eliane Vianna Brito, José Miguel de Mattos, Harumi Pisciotto. São Paulo. Arte & ciência. 2003.

COSSON, Rildo. (org). **O espaço da literatura na sala de aula**. V. 20. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2010.

FILIPOUSKI, A. M. Para que ler literatura na escola? In: FILIPOUSKI, A. M. **Teoria e fazeres na escola em mudança**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

KLEIMAN, A. B. **Leitura: Ensino e Pesquisa**. São Paulo, Pontes, 1989.

LARROSA, Jorge, LARA, Nuria Pérez. **Imagens do outro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998a.

PAULINO, Graça e COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZIRBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia M. K. (org). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2005- 2009.

RANGEL, J. N. M. **Leitura na escola: espaço para gostar de ler**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

RESENDE, Vânia Maria. **Literatura Infantil & Juvenil**. Vivências de Leitura e Expressões Criadora. 2ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Saraiva, 1997-2000.

RESENDE, Andréa Andrade Siqueira de. O desafio de formar leitores. In. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte: Dimensão, vol. 6, nº 34, 2000.

SOUZA, Malu Zoega de. **Literatura juvenil em questão: aventura e desventura de heróis menores**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003- (coleção aprender e ensinar com textos, v. 8)

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2004.

ZILBERMAN, Regina e RÖSING, Tânia M. K. (org). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Globo, 2009.

Luciana Rodrigues da Graça - Licenciatura Plena em Pedagogia pela UESPI, Universidade Estadual do Piauí (2008). Licenciatura em Artes Visuais pela UFPI, Universidade Federal do Piauí (2014). Licenciatura em Letras Português pela UNIFACVEST, Centro Universitário Unifacvest (2019). Licenciatura em Matemática pelas Faculdades Integradas Campos Salles (2022). Especialista em Psicopedagogia pelo Instituto Superior de Educação São Judas Tadeu (2011). Especialista em Educação Infantil pela Universidade Federal do Piauí (2012). Especialista em Docência da Matemática no Ensino Fundamental pela Faculdade Sesi de Educação (2022). Professora de Ensino Fundamental I na Prefeitura de Carapicuíba e na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.



Revista a EVOLUÇÃO
Ano 42 Jul. 2023
Fl. 43
ISSN 2673-2573

Revista a EVOLUÇÃO

Ano 43 Ago. 2023
Fl. 43
ISSN 2673-2573

COLA TEM E
ESTRELA BI

Vit



RECONHECER E VALORIZAR

www.primeiraev



www.primeiraevolucao.com.br

ORGANIZAÇÃO:

Andreia Fernandes de Souza
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Daniele Marques dos Santos Barreto
Denise Teixeira Santos Menezes
Eliane Cristina Bulgan Borges
Girleene Nascimento da Silva Mantovani
Joseneide dos Santos Gomes
Lana Cristina Teixeira
Lidiane Oliveira Leopoldo da Silva
Luciana Rodrigues da Graça
Miriam Ferreira
Rita de Cássia Gonçalves Paccola
Sheyla Maria Silva Pimentel
Simone Moreira Garcia



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.43>

Produzida com utilização de softwares livres



LibreOffice



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br



Google Acadêmico